

O empoderamento da mulher a partir da experiência pentecostal

Woman empowerment from the perspective of Pentecostal experience

*Luis Fernando de Carvalho Sousa*¹

RESUMO

O presente artigo tem por intuito abordar o *empoderamento* da mulher a partir da experiência pentecostal. Os referenciais teóricos para tal empreitada são tomados dos clássicos das ciências de religião como, por exemplo, Clifford Geertz *A interpretação das culturas* (1989); *O poder simbólico* (2002) de Pierre Bourdieu; *O dossel sagrado* de Peter Berger (1985) dentre outros e textos que refletem a partir da realidade da mulher no pentecostalismo como é o caso de *Carismáticos e pentecostais* (1996) Maria das Dores Campos Machado e *Experiências religiosas de mulheres pentecostais chilenas* (2010) de Elizabeth del Carmen Salazar Sanzana em articulação com outros textos. Inicialmente o artigo procura levantar bases na tradição bíblica sobre a figura da mulher para em seguida pontuar a história do movimento pentecostal e papel na mulher nele. Por fim trata da experiência pentecostal no mundo da mulher e como isso interfere em sua realidade.

PALAVRAS-CHAVE

Mulher. Pentecostalismo. Empoderamento. Experiência.

ABSTRACT

This article aims to address the empowerment of women from the Pentecostal experience. The theoretical references for this work are taken

¹ Licenciado em história pelo Centro Universitário de Barra Mansa (UBM), bacharel em teologia pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), mestre em filosofia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE).

from the classics of the religious sciences, such as Clifford Geertz *The Interpretation of Cultures* (1989); *The symbolic power* (2002) of Pierre Bourdieu; *The sacred canopy* of Peter Berger (1985) among others and texts that reflect from the reality of the woman in Pentecostalism as is the case of *Charismatic and Pentecostal* (1996) Maria das Dores Campos Machado and *Religious Experiences of Chilean Pentecostal Women* (2010) of Elizabeth del Carmen Salazar Sanzana in articulation with other texts. Initially the article tries to establish bases in the biblical tradition on the figure of the woman to next to punctuate the history of the Pentecostal movement and paper in the woman in him. Finally it deals with the Pentecostal experience in the world of women and how it interferes with their reality.

KEYWORDS

Woman. Pentecostalism. Eempowerment. Experience.

Introdução

Tratar da temática da mulher sob um panorama bíblico e histórico é uma tarefa assaz difícil. Requer uma releitura do sistema hermenêutico arraigado na tradição do cristianismo durante séculos. Tal sistema deixou como herança ao homem um papel proeminente nos temas bíblicos, legando à mulher um papel, em muitos casos, secundário. Todavia este androcentrismo constitui-se numa distorção decorrente de uma interpretação instrumentalizada pelo contexto histórico patriarcal.

Não se trata de um preceito natural, mas de um *constructo* que é condicionado ao tempo e espaço em que a tradição bíblica foi erigida. Sob o lema: “o que é construído na história, precisa ser revisto por ela”. O intuito é apontar como, a partir da revisão de alguns paradigmas se pode pensar o papel da mulher, sobretudo, na experiência pentecostal.

A perspectiva androcêntrica que legitimou durante séculos a exploração e a inferiorização da mulher pode ser sentida nos dias atuais através de seus resquícios. O preconceito em relação à mulher é reforçado pelas peças comerciais, que exploram a sexualidade feminina, através das propagandas de venda de produtos e dos programas televisivos que a depreciam, não atentando para seu devido valor. Esses efeitos estão

presentes também nos meios eclesiais em que as mulheres, via de regra, estão à margem do poder. Isso pode ser ressignificado? De que maneira? Como a religião pode fornecer subsídios para tal? Essas são perguntas que buscaremos responder no decorrer desse artigo.

No revés da tradição bíblica

A exegese bíblica trabalhando em conjunto com a teologia feminista tem exercido um papel de muita relevância, sinalizando para a função da mulher na história e negando sua inferioridade em relação ao homem.

Talvez por serem as mulheres vítimas da tradição patriarcal e excludente, em muitos aspectos, as críticas mais acentuadas vem, justamente, das biblistas “mulheres” e da tradição feminista. Não que isso desqualifique os apontamentos, mas justificam algumas posições que reivindicam uma releitura contextualizada e conectada com as demandas sociais e políticas do século XXI.

A intenção de iniciar pela releitura da Bíblia com viés crítico feito pela mulher e a partir dela não visa esgotar o assunto, pois o mesmo é fruto de muitos debates e produções acadêmicas. O intuito é fornecer um “caminho” para se começar a pensar a questão desde a exterioridade do sistema machista patriarcal. Se levarmos em conta a máxima de que “as verdades históricas encontram-se em seu revés” facilmente observaremos o proeminente papel da mulher na construção da sociedade e sua reivindicação de constante, crítica e às vezes subversiva ao longo da história.

É necessário advertir que não será possível traçar um panorama bíblico, de forma extensiva, tratando desse assunto (mulher na tradição bíblica), contudo podem-se sinalizar alguns textos-chave que ajudam na compreensão da temática. Os textos da criação, por exemplo, reforçam a igualdade entre homem e mulher, referindo-se a criação como: criação do ser humano. Não se atribui à mulher um papel secundário, pelo contrário, afirma-se que Deus criou *Adam* (=filhos e filhas da terra, derivado de *adamah* – terra fértil)². Denotando com isso uma posição de igualdade.

² MURARO, Rose Marie; BOFF, Leonardo. *Feminino e masculino: uma nova consciência para o encontro das diferenças*. 2. ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2002, p. 10.

Várias histórias de mulheres que se tornaram donas do seu próprio destino estão presentes na Bíblia. Sara, Débora, Ester, Rute, Marta, Maria, Maria (mãe de Jesus) entre tantas. Quando o assunto é o Novo Testamento, observa-se que elas tiveram papéis muito significativos, pois eram amigas de Jesus e participavam ativamente de seu movimento.

A Palestina do século I constituía-se num ambiente de intensos conflitos, que compreendiam, além dos conflitos sociais a esfera militar. Jesus inclinou-se para as vítimas dessas disputas, dentre as quais se destacam as mulheres, os pobres e os enfermos³. Nesse sentido, a região da Galileia se destaca como nascedouro do movimento de Jesus, tendo a cidade Cafarnaum com um dos locais em que ele exerceu seu ministério de forma mais profícua e inclusiva. Nesse local residia uma das discípulas de maior destaque no movimento, Maria Madalena, que de acordo com Elza Tamez

Era a discípula mais importante de Jesus na Palestina. Assim como Pedro, ou talvez mais do que Pedro, ela deu seguimento ao movimento que parecia ter fracassado após a morte de seu líder, Jesus⁴.

Se é um dado histórico ao qual a tradição patriarcal cristã tenha legado um lugar de segundo plano às mulheres, não constam no movimento de Jesus tais bases, uma vez que elas sempre ocuparam um papel demasiado importante, não somente no movimento de Jesus, como também naquilo que podemos denominar de *cristianismo primitivo*.

Aqui já se pode notar um descompasso entre o movimento de Jesus e a posterior tradição cristã, pois se atentarmos para os eventos principais da vida de Jesus de Nazaré observamos que a presença das mulheres se faz de forma constante e que há algumas tentativas de adendo aos escritos bíblicos como, por exemplo, parece ser o caso dos capítulos finais do evangelho de João em que há nítida disputa pela memória da ressurreição do nazareno, opondo as mulheres aos homens.

Paulo em suas cartas faz saudações a várias mulheres. O que denota que nas comunidades por onde haviam passado elas, além de contribuírem

³ TAMEZ, Elza. *As mulheres no movimento de Jesus*. São Leopoldo: Sinodal, 2004, p. 7.

⁴ TAMEZ, 2004, p. 8.

para a obra missionária, ocupavam papéis de destaque. No caso da epístola “aos Romanos”, faz recomendações a Febe, que tinha *status* de missionária e presidente da congregação da Igreja de Cencreia. Na extensa lista de saudação contida na epístola são mencionadas diversas mulheres que eram consideradas como colaboradoras na missão. Helmut Koester afirma:

A menção de um número tão grande de mulheres é prova inegável da participação irrestrita das mulheres nas várias funções das igrejas de Paulo. Impressionante é a referência a Júnia citada como eminente entre os apóstolos (16,7). Foram feitas tentativas para ler aqui o nome masculino “Júnias”, com o objetivo de evitar a conclusão de que as igrejas paulinas também conheciam apóstolos do sexo feminino; esse nome masculino, porém, não é atestado em nenhum outro lugar na antiguidade⁵.

Tanto o movimento de Jesus, como o cristianismo paulino, reforçaram a participação das mulheres nas comunidades delegando-lhes papéis de liderança, o que foi ofuscado pela tradição patriarcal excludente dos anos posteriores. No caso de Júnia percebe-se que não houve seu devido reconhecimento como uma proeminente liderança.

Não se pode atribuir à tradição “neotestamentária” os preconceitos em relação às mulheres, sobretudo em Paulo, pois ele foi um dos que mais incentivou e valorizou a participação das mulheres; contudo, ao longo dos séculos fez-se uma interpretação equivocada de textos paulinos para subjugar a mulher⁶.

Na história da tradição hegemônica do cristianismo, a figura masculina sempre ocupou um papel proeminente. As mulheres, poucas vezes, tiveram seu valor e importância reconhecidos. Contudo, com as ferramentas que as ciências sociais oferecem aos estudiosos, pode-se buscar pistas no revés da história na investigação do papel da mulher na história dos movimentos cristãos.

⁵ KOESTER, Helmut. *Introdução ao Novo Testamento: história e literatura do cristianismo primitivo*. Vol. 2. São Paulo: Paulus, 2005. p. 152.

⁶ ELLIOTT, Neil. *Libertando Paulo: a justiça de Deus e a política do apóstolo*. São Paulo: Paulus, 1998, p. 74.

Como o objetivo desse texto é tratar da temática da mulher no universo do pentecostalismo, abordar-se-á, à luz das ciências da religião, a experiência pentecostal e posteriormente o significado dessa experiência para a mulher.

Como explicar a experiência pentecostal?

A sociologia tem se debruçado, ao longo dos anos, no estudo da experiência humana frente em relação ao fenômeno religioso. Peter Berger destaca-se como um pensador que tem contribuído na ampliação desses estudos, devido a sua análise no campo da religião.

Berger entende a religião como atividade humana por meio do qual se estabelece uma relação com o universo do sagrado que, por sua vez, é feita também de maneira sagrada. A relação com o sagrado passa a ser entendida pelo autor como poder misterioso e receoso. Tal atividade constitui com o ser humano um relacionamento dialético, sendo ao mesmo tempo distinto e inerente. Dessa maneira, assegura que

Uma das qualidades essenciais do sagrado, como é encontrado na “experiência religiosa”, é a alteridade, sua manifestação como algo *totaliter aliter*, se comparado à vida humana comum, profana. É precisamente a alteridade que jaz no coração do temor religioso, do terror numinoso, da adoração que transcende totalmente todas as dimensões do meramente humano⁷.

A concepção de Berger aproxima-se da tese de Rudolf Otto, na qual a experiência com o sagrado aparece como algo imbuído de qualidade especial que se “subtrai a tudo aquilo que chamamos racional” sendo inacessível à compreensão conceitual⁸. Sendo assim, o sagrado é vivenciado como mistério que causa no ser humano grande temor diante dele.

⁷ BERGER, Peter. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Paulinas, 1985, p. 97.

⁸ OTTO, Rudolf. *O sagrado: um estudo do elemento não-racional com o racional*. São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista, 1985, p. 11.

Nas diversas expressões religiosas, há uma gama de experiências que são difíceis de serem catalogadas e descritas. No caso do pentecostalismo, esses entraves e dificuldades têm sucumbido paulatinamente através dos estudos e investigações empreendidos pelos próprios adeptos dessa tradição, ou por simpatizantes e estudiosos do tema de maneira geral.

Elizabeth del Carmem Salazar Sanzana, ao tratar da temática do pentecostalismo, salienta que a experiência pentecostal pode ser definida de diversas maneiras, variando entre: “encontro com Deus”; “experiência espiritual”; “conversão”; “novo nascimento”, entre outras. A pesquisadora assegura que, mesmo tendo várias definições distintas, a experiência religiosa pentecostal “marca o início de uma nova vida”, para quem dela participa, podendo inclusive ser denominada como fundamental. Salazar Sanzana defende que todas as demais experiências da vida do sujeito religioso que participa da “experiência pentecostal” passam – a partir do momento da conversão – a tê-la como paradigma.

A experiencia religiosa pentecostal produz uma “re-orientación de la vida”, de consolo psicológico, e de ajuda para “sobreviver” numa sociedade de conflitos. Nesse sentido a experiencia religiosa de conversão é entendida como o equivalente à aquisição de uma identidade individual. Mas é também, uma forma de socialização, pois ser pentecostal é uma forma de agir, e de comportar-se socialmente. É uma maneira de pertença particular, dentro de uma referencia universal à comunidade humana⁹.

Pode-se, partindo dessa premissa, analisar a experiência religiosa pentecostal como algo que reajusta a vida do sujeito religioso, alterando sua visão cosmológica e permitindo que através desse novo paradigma sua vida adquira um novo sentido.

Corroborando esse argumento Clifford Geertz pontua que uma das características da religião é ajustar “as ações humanas a uma ordem cósmica”, e com isso “projeta imagens da ordem cósmica no plano da

⁹ SALAZAR SANZANA, Elizabeth del Carmen. *Experiências religiosas de mulheres pentecostais chilenas: memória e socialização*. Doutorado em ciências da religião, São Bernardo do Campo, 2000, p. 129.

experiência humana”, tais fatores são capazes de produzir símbolos que orientam a vida do sujeito religioso. Por isso Geertz ressalta que a religião é:

Um sistema de símbolos que atua para estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens através da formulação de conceitos de uma ordem de existência geral e vestindo essas concepções com tal aura de fatualidade que as disposições e motivações parecem singularmente realistas¹⁰.

O indivíduo que passa pelo processo de experiência com o sagrado é capaz de reorientar sua vida à luz desse acontecimento. Na expressão religiosa pentecostal esses eventos se destacam pela frequência com que acontecem nas comunidades. Na religiosidade pentecostal há forte ênfase na “experiência com Deus”. A nova orientação de vida se dá a partir desse paradigma. Salazar Sanzana destaca que essa é uma característica marcante nos ambientes pentecostais. Por meio dos “testemunhos” compartilham-se as experiências com Deus intensificando sua vivência no cotidiano¹¹.

Através da experiência o sujeito religioso constrói um sistema de símbolos. Nesse sentido Pierre Bourdieu assegura que “o poder simbólico é um poder de construção da realidade que tende a estabelecer *gnoseológica*: um sentido imediato de mundo”¹². O símbolo religioso deve ser entendido como algo que serve como vínculo entre o sujeito religioso e o sagrado, tendo o poder de mediar às relações humano-divinas e orientá-lo (ou reorientá-lo em alguns casos).

As práticas e regras vigentes nas comunidades pentecostais constituem-se, portanto, num processo de construção social, em que há a resignificação do mundo através de construção de sentidos. São essas práticas que estruturam os sistemas simbólicos como estruturas sociais. Tais

¹⁰ GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989, p. 104.

¹¹ SALAZAR SANZANA, Elizabeth del Carmen. *Experiências religiosas de mulheres pentecostais chilenas: memória e socialização*. Doutorado em ciências da religião, São Bernardo do Campo, 2000, p. 87.

¹² BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Trad. Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002, p. 9.

estruturas solidificam-se com a naturalização e estímulos dessas práticas por parte dos membros da comunidade.

A afirmação de que no pentecostalismo a experiência religiosa “determina a adesão ao grupo” e é “fundadora da identidade individual e grupal” parece aceitável, uma vez que ela serve como ponto de partida e organização desse grupo¹³. Tem-se a partir disso a construção de um “poder simbólico” que, além de orientar a vida das pessoas pertencentes a esse grupo, exerce também sobre elas uma ação de legitimação cognitiva, ou seja, ergue-se em torno desse sistema um aparato que controla a vida dos sujeitos religiosos. Os mecanismos derivados desse sistema não somente controlam, também dão sentido a vida comunitária.

A experiência adquirida não marca somente a adesão do indivíduo a uma nova comunidade. O contato com o sagrado ressignifica seu viver, e o sentimento de pertença à nova comunidade de fé é capaz de reestruturar sua vida, restaurando sua dignidade, conferindo-lhe coragem e coerência para lidar com as vicissitudes da vida.

Pode-se notar que o sistema religioso constituído através da matriz pentecostal tem a capacidade de *empoderar* seus adeptos de maneira simbólica, imputando aos mesmos condições de interagir com a realidade cotidiana, pois concentra em si a capacidade “fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão de mundo, e deste modo a ação sobre o mundo”¹⁴.

A partir desses preceitos buscaremos destacar quais as implicações da adesão pentecostal para o universo feminino, tendo em vista que dificilmente as mulheres têm acesso à cúpula do poder nos meios pentecostais.

Esboço histórico do pentecostalismo

O movimento pentecostal, conhecido como pentecostalismo clássico, tem sido estudado por diversas áreas das ciências humanas. Em geral, classifica-se o pentecostalismo como um movimento de origem marginal,

¹³ SALAZAR SANZANA, 2000, p. 140.

¹⁴ BOURDIEU, 2002, p. 14.

sendo inclusive denominado por Richard Niebuhr como pertencente aos “deserdados” – termo que indica a marginalidade dos participantes¹⁵.

Grande parte dos adeptos dessa religiosidade foi excluída dos sistemas religiosos vigentes no final do século XIX e início do século XX. Vivia-se no período um momento de transições sociais, nas quais as questões econômicas, culturais e raciais estavam presentes. A segregação do movimento não se explica somente por essas transições, somam-se a esse fato elementos de cunho bíblico-teológico. A nova hermenêutica aplicada à leitura de Atos 2 catalisou o processo, projetando definitivamente as doutrinas acerca dos dons espirituais difundidas por Charles Parham, que introduziu na hermenêutica de Atos 2 a compreensão de que o batismo com o Espírito Santo era evidenciado com a experiência do falar em línguas¹⁶.

Paul Freston assegura que, antes de Parham, existem ocorrências do falar em línguas, contudo salienta que a difusão de forma extensiva, como ocorreu no movimento de Parham, foi o diferencial em relação aos movimentos anteriores¹⁷. A partir desse marco que outras experiências foram registradas como é o conhecido caso de William Seymour e William Durham¹⁸.

Embora sendo um movimento marginal, o pentecostalismo reproduziu algumas discriminações vigentes no período. Charles Parham, por exemplo, era branco e não permitia que negros assistissem suas aulas junto com os demais alunos, como foi o caso de William Seymour, que aprendeu as doutrinas difundidas por Parham e passou a pregar para pessoas negras, enquanto Parham pregava para os brancos¹⁹.

Não demorou muito para que houvesse a cisão entre o grupo. Seymour então deu início a um movimento conhecido como movimento da rua Azuza que inicialmente rompia com os preconceitos, pois “Seymour

¹⁵ NIEBUHR, H. Richard. *As origens sociais das denominações cristãs*. São Paulo: Instituto Ecumênico de Pós-graduação ASTE, 1992, p. 57.

¹⁶ GROMACKI, Robert Glenn. *Movimento moderno de línguas*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1972, p. 80.

¹⁷ FRESTON, Paul. *Pentecostalismo*. Belém, PA: UNIPOP, 1996, p. 77.

¹⁸ GROMACKI, 1972, p. 82.

¹⁹ ARAÚJO, Israel de. *Dicionário do movimento pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2000, p. 700.

cercou-se de uma equipe capaz e inter-racial de homens e mulheres, muitos deles trabalhando voluntariamente”²⁰. A partir desse marco têm-se a difusão do movimento pentecostal em escala mundial.

Mulheres no poder ou poder para as mulheres?

As mulheres ocuparam um papel proeminente no movimento da Azusa. Lucy Farrow destacou-se como uma das líderes do grupo. Farrow era uma mulher negra, ex-escrava e que trabalhava na casa de Charles Parham como empregada doméstica. Ela foi uma das líderes de maior destaque do que se pode chamar de movimento pentecostal clássico, acumulando cargos de pastora, evangelista e missionária. Sua autoridade foi reconhecida por Seymour que a denominou como “serva ungida”. Seymour havia substituído Farrow quando esta esteve ausente de suas atividades na igreja²¹.

Inúmeras participações femininas podem ser destacadas na investigação sobre o movimento pentecostal. Nomes como L. Crawford, Ivey Campbell, Ellen Hedben e outros são notáveis, devido a sua importância contribuição para o fortalecimento e expansão do movimento.

Alguns trabalhos têm destacado a implantação do movimento pentecostal e seus respectivos desdobramentos em localidades específicas, como é o caso de Elizabeth Salazar Sanzana, que trata da questão das *Experiências religiosas de mulheres pentecostais chilenas*. A pesquisadora salienta que sua tese visa resgatar a memória da experiência religiosa de mulheres pentecostais no Chile tendo três intenções fundamentais.

A primeira se relaciona à necessidade de recuperar a memória das mulheres como sujeito dos processos históricos, um tema que vem despertando interesse e inquietando a pesquisa e as agendas sociais nas últimas décadas. A segunda tem a ver com o reconhecimento do pentecostalismo como um dos fenômenos religiosos mais significativos da América Latina nas últimas décadas. A terceira se refere à suspeita de que as mulheres são fundamentais no

²⁰ ARAÚJO, 2007, p. 782.

²¹ ARAÚJO, 2007, p.783

pentecostalismo, não só numericamente, mas por seu papel gestor e propagador do movimento²².

Com isso Salazar Sanzana atenta para o importante papel das mulheres no movimento pentecostal como líderes e gestoras de um movimento com características próprias que se notabilizou por sua expressão frente aos grupos religiosos no país.

Na história do pentecostalismo brasileiro, Frida Vingren²³ – esposa de Daniel Vingren, um dos implantadores do movimento pentecostal no Brasil – sobressai-se como uma mulher que contribuiu de forma profícua para o desenvolvimento do pentecostalismo através de várias atividades. Ela assumia inclusive papéis de liderança quando o esposo se ausentava²⁴. É inegável a colaboração de Frida na consolidação da Assembleia de Deus no Brasil. Contudo não há devido reconhecimento em relação a sua atuação. Suas menções estão sempre associadas ao marido, Gunnar Vingren. Tal fato sinaliza para a dificuldade o valor liderança feminina no mundo pentecostal.

Mesmo não ocupando posições institucionais ou desempenhando funções sacerdotais, as mulheres pertencentes ao universo pentecostal são incentivadas a contribuir em outros espaços do ambiente eclesial. Elas “são incentivadas a desempenharem papéis que reforçam suas funções de mãe e esposa, como professoras de escola dominical e serviço social”²⁵.

Maria das Dores Campos Machado, ao trabalhar a temática da mulher no universo religioso, afirma que o pentecostalismo se constitui em um “antídoto ao machismo”. A autora defende tal posição sob o

²² SALAZAR SANZANA, 2000, p. 14.

²³ Para maior aprofundamento sobre a história de Frida Vingren ver: ALENCAR, Gedeon Freire. Frida Vingren (1891-1940): quando uma missão vale mais que a via. In: OROZCO, Yuri Puello (Org.). *Religiões em diálogo: violência contra as mulheres*. São Paulo: Católicas pelo direito de decidir, 2009. p. 69-85. Gedeon é o primeiro autor a recuperar a história de Frida. Disponível em: <http://catolicas.org.br/biblioteca/publicacoes/religioes-violencia-mulheres/>.

²⁴ ARAÚJO, 2007, p. 782.

²⁵ LOPES, Martha Luiza de Freitas. *A mulher no mundo pentecostal: uma leitura crítica e pastoral sobre a condição da mulher na Igreja Pentecostal Assembleia de Deus (Ministério Madureira)*. Mestrado em ciências da religião, São Bernardo do Campo, 2001, p. 45.

argumento que a doutrina pentecostal ajuda na auto-estima da mulher beneficiando-a no trato com a família²⁶.

Não se pode ignorar o poder simbólico adquirido pela adesão ao pentecostalismo. Nesse sentido, as mulheres beneficiam-se por que a conversão garante “uma ruptura com o padrão machista”, ou seja, mediante a conversão as mulheres sentem-se dignificadas e em condições de se autoafirmarem como sujeitos de sua própria história, redimensionando sua vida e conferindo-lhe o sentido valorativo que a religião lhes legou. Pode-se dessa maneira afirmar que o pentecostalismo constitui-se numa “ação feminina coletiva”²⁷.

Na adesão do esposo ao pentecostalismo, a mulher passa ter maior controle das questões familiares e redefine os papéis no lar. Campos Machado, em sua pesquisa, ressalta que as mudanças ocorridas no lar, por ocasião da conversão do casal podem ser consideradas “revolucionárias”. A família passa a ser o centro da vida dos dois, com isso a esposa “domestica” o marido.

Uma vez convertidos abandonam o consumo de bebida alcoólica, as visitas às prostitutas e o vício do cigarro, canalizando o dinheiro para a família e suas demandas: E mais: ao condenar o orgulho, a arrogância e o uso da violência, e reforçar a passividade, a generosidade e a humildade em homens e mulheres, a doutrina pentecostal ajuda a mudar o poder relativo dos esposos²⁸.

Observa-se, portanto, que a conversão ao pentecostalismo investe as mulheres de poder – que não é necessariamente exercido dentro dos círculos eclesiais em funções de presidência, governo e deliberativas – capacitando-as para lidar com as situações do cotidiano. Tal *empoderamento*²⁹ é decorrente da força simbólica que a religião ao interagir com o cotidiano do sujeito religioso.

²⁶ MACHADO, 1996, p.121.

²⁷ MACHADO, 1996, p. 122.

²⁸ MACHADO, 1996, p. 122.

²⁹ Empoderamento entendido como poder simbólico que a religião confere ao ser humano na interação com sua realidade fazendo com que o mesmo confira novos sentidos e significados há situações que antes da experiência religiosa lhe eram hostis. Cf. BOURDIEU, 2002, p. 9-10.

Quando não há adesão do cônjuge à religião e somente a esposa se converte, ela passa a desempenhar a função que é, no sistema da sociedade patriarcal, destinada ao esposo, como provedora do lar, responsável por solucionar o problema com os filhos nos ambientes educacionais e articuladora das principais decisões concernentes ao lar. Esse sistema que tradicionalmente atribui às esposas as tarefas domésticas e pequenos percalços do dia a dia, enquanto o marido responsabiliza-se por resolver aqueles que são considerados problemas de maior intensidade passa a ser invertido a partir da experiência *empoderadora* pentecostal.

A mulher pentecostal a partir do *empoderamento* decorrente da adesão à religião, lida com as situações adversas cotidianas de forma diferente do que uma mulher não religiosa. Analisando o resultado de suas pesquisas, Campos Machado afirma que a mulher pentecostal “se mostra capaz de enfrentar sozinha um problema que a princípio deveria ser de toda a família”. Isso porque a adesão ao pentecostalismo a faz “sentir superior” ao marido “em termos morais e espirituais”³⁰.

Pode-se observar que a adesão à religião pentecostal dignifica a mulher e possibilita que ela interaja com as situações cotidianas de forma diferente do modelo tradicional – patriarcal. De modo que “a filiação e participação das mulheres em comunidades pentecostais pode ser entendida como uma tentativa de transcender o lugar de subordinação reservado a elas no sistema patriarcal”³¹.

Tal dado faz com que se conclua que a mulher no mundo pentecostal ressignifica o poder legado através da conversão e/ou condição de liderança adquirida para as outras dimensões do cotidiano. O *empoderamento* pentecostal, no que tange às mulheres é exercido de outras formas (no lar, na vida pública ou mesmo dentro das estruturas eclesiais, mas sem o reconhecimento formal) – em muitos casos, sem a percepção do homem. Nesse sentido o poder para as mulheres não significa, necessariamente, as mulheres no poder como ressalta Bourdieu em sua análise da mulher na construção simbólica do poder.

³⁰ MACHADO, 1996, p. 134.

³¹ MACHADO, 1996, p. 135.

Simbolicamente voltadas à resignação e à discricção, as mulheres só podem exercer algum poder voltando contra o forte sua própria força, ou aceitando se apagar, ou, pelo menos, negar um poder que elas só podem exercer por procuração (como eminências pardas)³².

Dentro do sistema patriarcal e androcêntrico o poder que as mulheres exercem fica restrito ou à ressignificação ou ao não reconhecimento formal. Contudo, salienta-se que no meio pentecostal há o indicativo de que o *empoderamento* faz com que a mulher utilize essa estrutura a seu favor, com o intuito de promover-se como sujeito histórico e dignificar-se como ser humano. Embora Bourdieu faça a ressalva de que:

As próprias estratégias simbólicas que as mulheres usam contra os homens, como as da magia, continuam dominadas, pois o conjunto de símbolos e agentes míticos que elas põem em ação, ou os fins que elas buscam (como o amor, ou a impotência, do homem amado ou odiado), têm seu princípio em uma visão androcêntrica em nome da qual elas são dominadas³³.

No pentecostalismo isso é usado de forma positiva, fazendo com que as mulheres tenham poder, sintam-se dignificadas e consigam superar as vicissitudes da vida a partir da experiência pentecostal sendo o *empoderamento* decorrência dessa conversão. Dessa maneira, conclui-se que embora a estrutura pentecostal seja rígida e patriarcal, a mulher consegue através dos mecanismos de poder (simbólico) valorar-se, dando poder às mesmas, ainda que elas não estejam na cúpula das estruturas de poder.

Esse é o “calcanhar de Aquiles” desse trabalho, pois devido à própria limitação do meio pentecostal, que é, majoritariamente, patriarcal não se observa nas grandes convenções e organizações eclesiais pentecostais o destaque em papéis administrativos por parte da mulher sua atuação e subversão é efetiva somente em ambientes restritos de cultos e algumas atividades domésticas sendo, portanto, as posições de destaque

³² BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002, p. 38.

³³ BOURDIEU, 2002, p. 38.

delegadas ao homem. Isso não significa quem em muitos casos – que talvez sejam maioria – não haja a participação como “eminência parda”, como destaca Bourdieu. Para analisar essa questão seria necessária uma nova abordagem. Nosso recorte, portanto, ficou restrito a construção simbólica do poder e sua utilização em espaços eclesiais e domésticos.

Conclusão

Certamente há muitos avanços no que tange aos caminhos do pentecostalismo brasileiro, sobretudo na questão das mulheres. Entretanto, não se pode negar que as conquistas femininas em relação aos espaços ocupados dentro dos ambientes eclesiais – e a partir da experiência pentecostal – têm alterado significativamente o papel da mulher. O desvirtuamento no que diz respeito a função das mulheres ocorreu após o período do *cristianismo primitivo*. Isso foi assaz danoso para elas, pois passaram centenas de anos à sombra dos homens, mas a retomada de estudos, juntamente com a proposta das críticas feministas têm enriquecido os debates sobre o tema. Nota-se que a tradição dos evangelhos e posteriormente a tradição paulina deram importância ao trabalho das mulheres atentando para seu devido valor – algo que foi sufocado ao longo da história da igreja cristã.

Mesmo no seio de uma sociedade conservadora e patriarcal, observa-se que as conquistas decorrentes dos ambientes religiosos têm sinalizado um caminho de superação e conquista de direitos, por parte do público feminino. Talvez, num futuro não muito distante, os entraves para que mulheres pentecostais assumam funções estruturais sejam superados, e traga consigo uma nova forma mais democrática de *ser igreja*.

Referências

ALENCAR, Gedeon Freire. Frida Vingren (1891-1940): quando uma missão vale mais que a via. In: OROZCO, Yuri Puello (Org.) Religiões em diálogo: violência contra as mulheres. São Paulo: Católicas pelo direito de decidir, 2009. p.69-85. Ele é o primeiro a recuperar a

- história de Frida – Disponível em: <http://catolicas.org.br/biblioteca/publicacoes/religoes-violencia-mulheres/>).
- ARAÚJO, Israel de. *Dicionário do movimento pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.
- BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. Trad. Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis: Vozes, 1985.
- BERGER, Peter. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Paulinas, 1985.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Trad. Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- _____. *O poder simbólico*. Trad. Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- ELLIOTT, Neil. *Libertando Paulo: a justiça de Deus e a política do apóstolo*. Trad. João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1998.
- FRESTON, Paul. *Pentecostalismo*. Belém, PA: UNIPOP, 1996.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- GROMACKI, Robert Glenn. *Movimento moderno de línguas*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1972.
- KOESTER, Helmut. *Introdução ao Novo Testamento: história e literatura do cristianismo primitivo*. Vol. 2. Trad. Luiz Calloni. São Paulo: Paulus, 2005.
- LOPES, Martha Luiza de Freitas. *A mulher no mundo pentecostal: uma leitura crítica e pastoral sobre a condição da mulher na Igreja Pentecostal Assembléia de Deus (Ministério Madureira)*. Mestrado em ciências da religião, São Bernardo do Campo, 2001.
- MACHADO, Maria das Dores Campos. *Carismáticos e pentecostais: adesão religiosa na esfera familiar*. Campinas: Autores Associados, 1996.
- MURARO, Rose Marie; BOFF, Leonardo. *Feminino e masculino: uma nova consciência para o encontro das diferenças*. 2. ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.
- NIEBUHR, H. Richard. *As origens sociais das denominações cristãs*. São Paulo: Instituto Ecumênico de Pós-graduação ASTE, 1992.
- OTTO, Rudolf. *O sagrado: um estudo do elemento não-racional com o racional*. São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista, 1985.

SALAZAR SANZANA, Elizabeth del Carmen. *Experiências religiosas de mulheres pentecostais chilenas: memória e socialização*. Doutorado em ciências da religião, São Bernardo do Campo, 2000.

TAMEZ, Elza. *As mulheres no movimento de Jesus*. Trad. Beatriz Affonso Neves. São Leopoldo: Sinodal, 2004.

Submetido em: 10/04/2018

Aceito em: 25/06/2018